



Bianca Bianchi, da origem ao legado

Bianca Bianchi em sua casa, diante dos retratos de seus pais. Giovanna e Edoardo e de sua irmã, Maurina, ao centro.

Origens

ALVARO COLLAÇO

Uma mulher alegre, festeira, de certa forma exibida – a ponto de deixar-se fotografar com muita frequência em época anterior às selfies – e que foi celebridade na Curitiba dos anos 20. Ao mesmo tempo, uma artista determinada, de personalidade forte, disposta a romper com os limites então impostos às mulheres na música e que atuou decisivamente pela cultura em Curitiba como instrumentista e professora. A violinista Bianca Bianchi foi tudo isso. Viveu 94 anos com intensidade.

Bianca Bianchi nasceu em 5 de junho de 1907, uma quarta-feira, em São Paulo e fora registrada no Cartório do Braz. Foi a segunda filha do técnico textil e importador Edoardo Bianchi e da pintora e poeta Giovannina Baldisseri (na certidão de nascimento de Bianca os nomes aparecem “abrasileirados” como Eduardo e Joana). Ambos italianos que a “forza del destino” os fez conhecêrem-se no Brasil. Edoardo nasceu em Milão e veio ao país a convite da Regoli Crespi & Cia, proprietária do que se tornou o Cotonifício Rodolfo Crespi, histórica fábrica de tecidos no bairro da Mooca em São Paulo, e trouxe no navio máquinas para a fabricação de tecidos, setor então emergente na capital paulista. No Brasil, enriqueceu. Giovannina, nascida em 1867, era da província da Toscana e veio ao Brasil a convite de um irmão que morava no interior de São Paulo. Em sua família já havia artistas. Seu pai, Luigi foi clarinetista; Nerina Baldisseri, sua sobrinha, cantora lírica que, em 1919, gravou “L’amico Fritz”, de Pietro Mascagni, em duo com Benjamino Gigli.

REPÚBLICA DOS ESTADOS

UNIDOS DO BRASIL

Capital e Estado

de S. Paulo



DISTRICTO DO BRAZ

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO e dou fé que no livro N. 44 ás folhas 140^o e sob N. 103^o está registrada uma creança do sexo feminino nascida no dia 5 de Junho de 1907-1907, ás 10 horas á Rua Villa das Flores N. 17, de nome Bianca Bianchi filha legitimo de Eduardo Bianchi e de dona Isaura Baldassero avós paternos José Bianchi e dona Acátilia Bertone maternos: Daux Baldassero e dona Adile Menai.

Braz, 21 de Dezembro de 1928.

O OFICIAL,



Hermes de Mendoza.

Reconheço a firma mp
S. Paulo, 21 de dez. de 1928
Em test. mp da verdade
8º Tabelião Int. mp
Ref. mp EMOLUMENTOS

Certidão de nascimento de Bianca Bianchi.



FUNDAÇÃO
BIANCA BIANCHI

| Rua Almirante Barroso 14 • São Francisco • Curitiba, PR • CEP 80510-240 • www.fundacaobiancabianchi.com.br



Edoardo Bianchi.



Gina Bianchi.



Atelier de Gina Bianchi e Ercília Cecchi no Palacete Wolf.

Edoardo e Gina se conheceram em 1899, no Brasil, e se casaram em 1900. A primeira filha, Maurina, nasceu no primeiro ano do casamento. Em 1910, a família mudou-se para Ponta Grossa, lá permanecendo por dois anos. Na cidade, Edoardo trabalhou na instalação do sistema de esgoto. Giovannina criou com sua professora, Ercília Marcori Cecchi, um atelier de pintura especializado em retratos. Em 1913, a família mudou-se para Curitiba. Um ano depois, ocupou a parte térrea do Palacete Wolf, casarão simbólico em Curitiba – foi de 1975 a 2006 sede da Fundação Cultural – localizado na Praça Garibaldi. Em 1914, o Palacete já tinha sido, por dois anos, sede da Prefeitura e da Câmara Municipal e, naquele ano, teria como inquilinos a Loja Maçônica no andar superior e a família Bianchi na parte térrea, onde Giovannina e Ercilia instalaram o atelier de pintura e desenho. A localização privilegiada do prédio, somada ao fato de Curitiba ser uma cidade muito menor, com pouco mais de 65 mil habitantes, fez com que os Bianchi se integrassem rapidamente à sociedade local. Não foi difícil escolher um professor de violino para Maurina. Esse privilégio coube ao violinista alemão Ludovico Seyer, à época com 31 anos. O encontro dos dois determinaria a vida de Bianca Bianchi.

Para Bianca, Maurina “era um gênio”.

“Diziam sempre à mamãe que ela não se criaria. Com apenas seis meses, já falou; com quatro anos, sabia ler e raciocinava como pessoa adulta. Estudou violino com o professor Seyer que tinha por ela verdadeira adoração”.



Maurina Bianchi.



Foi um ano de estudo, um único concerto de sucesso seguido de uma morte prematura de apendicite aguda, na semana seguinte, com 15 anos incompletos.

"A mamãe, pode-se dizer que se apagou com ela", lembrava Bianca. "Sofreu tanto a ponto de enlouquecer, e minha infância foi o triste reflexo desse sofrimento. Foi então que ela, mamãe, me pediu para estudar violino substituindo minha irmã, disse-me que isto a consolaria um pouco. Eu não era genial como minha irmã, mas tinha vocação para a música".

Foi assim que o violino ganhou importância vital para a pequena Bianca. Tendo Seyer como professor e a tragédia familiar como algo a ser superado. Bianca nunca esqueceria Maurina. Em sua sala, um retrato a óleo pintado pelo amigo Theodoro de Bona a lembraria sempre da irmã.



A Violinista

Para se tornar violinista, Bianca Bianchi teve que lutar contra adversidades ainda muito nova: a morte repentina da irmã Maurina e o compromisso de não decepcionar sua mãe, que via na filha mais velha a realização do sonho de ter uma grande concertista na família. Bianca assumiu o sonho da mãe para si, o que fez dela uma pessoa de temperamento forte, determinada e disciplinada. O seu maior amigo na infância foi mesmo o violino, o qual até a velhice chamava de *"príncipe dos instrumentos"*.

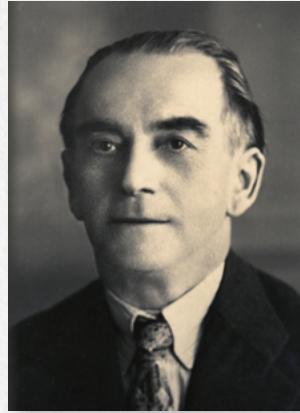
Bianca não teria excelentes recordações da infância passada no Palacete Wolf, na Praça Garibaldi, que, na maior parte do tempo, resumia-se apenas à quadra de sua casa, ao Colégio Divina Providência e aos estudos de violino. Do pai, Edoardo, ela fazia questão de recordar o hábito de fazê-la acordar cedo e levá-la descalça a correr pela praça, de dez a vinte voltas, antes dela ir ao Colégio. No Divina Providência, estudou até o ginásio. Depois, segundo ela, foi só violino. Na mesma casa em que morava, ela teve contato com os alunos de pintura de sua mãe e de Ercília Cecchi, que era formada em desenho pela Academia de Pizza. O mais famoso dos alunos foi Theodoro de Bona, que iniciou as aulas em 1919 e seria amigo de Bianca por toda a vida.

Em 1916, o maestro suíço Leonhard Kessler, radicado no Paraná desde 1911 e conhecido pelo nome Leo, criou o Conservatório de Música do Paraná e Ludovico Seyer estava entre os professores. O Conservatório foi o embrião do que um dia viria a ser, após diversas nomenclaturas, a Faculdade de Artes do Paraná. Bianca entrou no Conservatório em 1917 e em turma mais avançada. Além das aulas com Seyer e dos estudos em casa, para chegar a ser a violinista que se tornou, dispôs-se a tocar em diversos lugares, de teatros a festas. "Tocava tanto que eu mesma me alcunhei arroz de festa", disse Bianca em depoimento encontrado em sua casa. "Não tinha festinha, saraú, concerto nos quais não estivesse lá a Bianca com seu violino". Um convite o qual atendia com frequência era do poeta Dario Veloso, para tocar aos domingos no Templo da Musas, de construção então recente, de 1918. "Vinha a Curitiba um cônsul, um embaixador, um político, um artista e outra figura ilustre, lá estava eu com meu violino tomando parte nas homenagens prestadas a eles. Era um nunca acabar, pois raramente eu recusava estas solicitações e tocava sempre com o mesmo entusiasmo". Nessas apresentações, ela tinha como pianista acompanhadora Heloísa Guimarães. "Eu e Heloísa éramos grandes amigas, estudávamos muito e sempre estávamos preparadas para tocar", lembrou Bianca.

Na festa de caridade da Fundação Espírita do Paraná, em agosto de 1920, Bianca, então com 14 anos, tocou com a pianista Margarida Silva a "Berceuse" de Benjamin Godard. Em setembro de 2020, na festa organizada pelo maestro Léo Kessler para comemorar a mudança de sede do Conservatório, ela apresentou o Andante do "7º Concerto para Violino" de Charles Beriot. O Dr. Pamphilo D'Assumpção, advogado ilustre e colaborador do jornal "Commercio do Paraná", não a conhecia e a elogiou na crítica que fez sobre o evento, publicada em 28 de setembro de 1920. "Com uma bela postura, arcada larga e segura, obtendo de seu instrumento sons cheios, rigorosa afinação e bastante sentimento, a senhorita Bianchi mostrou que dela muito se tem a esperar como violinista".



Bianca posa com o violino em sua casa.



Ludovico Seyer, o professor de violino da família Bianchi.

Foi a primeira crítica a que se tem notícia. Os anos 20 seriam a década da sua afirmação como instrumentista em Curitiba, que a fez ser uma celebridade na imprensa local. Bianca estava preparada para isso. Um exemplo é que, aos 13 anos, ela possuía fotografia profissional para divulgar seu trabalho na mídia, assinadas pela Photo Linzmeyer, um dos principais estúdios da época em Curitiba.



Bianca Bianchi em foto de 1928.

A Artista

Em 1922, Bianca Bianchi recebeu de Giovannina, sua mãe, um álbum de fotografias. A intenção era de que colecionasse autógrafos dos artistas que ainda conheceria na vida. O presente tinha a seguinte dedicatória em italiano:

"Bianca mia, se l'arte ti reserva dolori, fatiche e triunfi, sopporta i primi, con rassegnazione vinci le altre col coraggio e ricevi gli ultimi con modestia" ("Bianca minha, se a arte te reserva dores, fadigas e triunfos, suporta as primeiras com resignação, vence as outras com coragem e receba a última com modéstia").

Mais que um conselho, dos muitos que dera a sua filha, Gina Bianchi, com o presente, mostrava seu orgulho de mãe e confirmava uma certeza: Bianca era naquela época, e seria para sempre, uma artista.

No começo dos anos 20, a carreira de Bianca florescia ligada ao Conservatório de Música do Paraná, de Léo Kessler, e Ludovico Sayer, seu professor de violino. Ela se destacava nos concertos organizados pelo Conservatório. Como no que ocorreu em 14 de maio de 1921 no Theatro Guayra, o antigo que localizava-se na Rua Dr. Muricy, que reuniu uma orquestra tendo alguns alunos como solistas. A crítica do Jornal Gazeta do Povo ao concerto publicada uma semana depois, em 21 de maio, não economizou elogios à violinista que estava a uma semana de completar 14 anos.

"Conhecedora profunda da técnica difícil do rei dos instrumentos, possui a senhorita Bianca uma execução firme, uma tirada de arco desembaraçada e segura. (...) A Senhorita Bianca Bianchi foi delirantemente aplaudida pela plateia, que sentiu deveras sugestionada pela arte da jovem".

Em outro concerto, em julho de 21, os elogios foram tantos que a própria Bianca fez questão de agradecer ao crítico e ao jornal.

"Nada mais confortante para os que se dedicam às artes, do que ver seus esforços receberem o apoio e os aplausos da imprensa. Aos esforços do meu professor Ludovico Sayer devo essa aventura".

Em 1924, faleceu Léo Kessler e o Conservatório passa a ser dirigido pelo pianista Antonio Melillo. Os professores de violino eram Sayer e Bianca. "Muito jovem comecei a lecionar" escreveu ela, "e ganhava um pouco de dinheiro, com este ajudava meus pais". Com o dom revelado também para ensinar, Bianca não demora e abre sua própria escola na sua casa, no Palacete Wolf, na sala em frente de onde estava o atelier da mãe. Com sua própria escola e a atuação no Conservatório, entre 1924 e 1928, Bianca reduz a quantidade de apresentações, mas não recusa eventos que lhe seriam importantes, como uma apresentação a deputados na Assembléia Legislativa ou no concerto em homenagem ao pianista e compositor português Oscar da Silva, realizado no Theatro Guayra em 23 de setembro de 1925. Com o próprio Oscar da Silva ao piano, Bianca realiza a primeira audição mundial dois tempos da "Sonata Saudade", obra que, à época, ainda estava incompleta.

"Eu vivia sempre exausta do estudo, do trabalho, vida social, doméstica, luta financeira, mas com o meu ideal: a música, ser artista. Não pensava em nada mais, progredir, ir à Europa para me aperfeiçoar".

Em 11 de maio de 1928, o jornal A República traz a notícia de que Affonso Camargo, presidente do Estado, "num gesto magnífico", concedera à Bianca subsídio para que estudasse no exterior. A Prefeitura de Curitiba e o Consulado da Itália participaram da mesma ação. Bianca era amiga do cônsul Amadeo Mannarella e ele fez de tudo para convencê-la a ir a Itália e estudar no Conservatório Santa Cecília, em Roma. Mannarella fez mais: conseguiu as passagens em classe de luxo no transatlântico Giulio Cesare para Bianca e sua mãe, porque não era de bom tom que a artista viajasse sozinha.



Bianca Bianchi posa com o violino para o estúdio Lizmayer, em 1923.



Com o pianista Antonio Melillo, no seu concerto de despedida do Brasil, em junho de 1928, no antigo Teatro Guayra.

A viagem da jovem e talentosa violinista para estudar foi um dos temas preferidos da imprensa curitibana em 1928, dedicando páginas com fotos em destaque e textos emocionados. Bianca satisfez a mídia apresentando no Theatro Guayra um concerto de despedida em excelente nível tendo Antonio Melillo como pianista acompanhante. Curiosamente, o concerto iniciava com duas transcrições do violinista Fritz Kreisler, referência para Bianca e a quem, mais tarde, conheceria no Conservatório Santa Cecília. O concerto foi um sucesso, com casa lotada. Há o registro do que foi a noite em que Bianca e Melillo estão no palco cercados por arranjos de flores. Em entrevista à Gazeta do Povo, publicada em 30 de junho de 1928, um dia antes da viagem, Bianca mostra claramente sua ansiedade com a viagem e se despede do seu público através do jornal.

"Adeus meus amigos. Transmitam o adeus à minha terra e aos meus amigos. Assegure-lhes que viverei estes três anos das imorredou- ras saudades que levo. Assegure-lhes, sobretudo, que voltarei para entregar à Pátria os frutos que minha arte tiver frutificado".

Bianca cumpriria a promessa. Voltaria quatro anos depois e, mais importante, disposta a oferecer grandes contribuições à música clássica do Paraná.



Bianca Bianchi no navio Cesare Batisti.

Impressões italianas

Não havia como imaginar se Bianca Bianchi alcançaria tanta qualidade e relevância em seu trabalho nos anos 30, se não fosse estudar no Conservatório Musical Santa Cecília, em Roma. Fundado em 1870, o Santa Cecília era um dos principais conservatórios de Europa e no final dos anos 20 já possuía entre os ex-alunos músicos relevantes, como o compositor Nino Rota e o tenor Beniamino Gigli. Nos quatro anos que lá passou, de 1928 a 1932, Bianca não só melhorou sua técnica no instrumento, como passou a conhecer mais sobre o violino e ganhou novas experiências culturais com os passeios por várias cidades italianas e os concertos que assistiu de artistas que já faziam parte da história da música.

As novidades para Bianca vieram antes mesmo do transatlântico Giulio Cesare partir. Em um evento na Embaixada da Itália no Rio de Janeiro, que antecedeu a viagem, conheceu o maestro e compositor Ottorino Respighi e sua esposa Elsa que estariam no mesmo navio. Era um feliz presságio, pois o célebre compositor tinha sido diretor do Conservatório.

"Eu tinha um defeito no dedo mínimo das duas mãos, uma coisa congênita - a família do meu pai tinha isto - e Respighi viu meu dedo e disse que eu deveria consultar seu primo. Contou que era um grande ortopedista, me deu uma carta de apresentação para que eu a enviasse para ser atendida", lembrou Bianca.



O ortopedista tinha o sobrenome Pucci e atendia em Bolonha. Bianca entrou em contato e fez a consulta, mas não operou os dedos porque havia o risco deles ficarem inutilizados.

Como a viagem era de navio e, portanto, durava muitos dias, Bianca buscou um jeito de descontrair-se e tirar muitas fotos, algumas produzidas como se ela fosse modelo, todavia tenha feito música também. Curiosamente, o contra-baixista italiano Guido Gallignani estava no mesmo navio. Ela o conheceu em Curitiba, em 1923, em evento do Conservatório de Música do Paraná e com ele se apresentou no navio em uma festa. Para Gina Bianchi, o tempo de viagem foi investido na pintura de diversos quadros que lhe foram encomendados por alguns tripulantes e passageiros do navio.

"Mamãe ganhou um bom dinheiro que muito nos serviu nos momentos difíceis e mesmo para adquirir um bom violino porque o meu não era muito bom", recordou Bianca.



Bianca no navio Cesare Battisti.

A porta de entrada da Itália para Bianca foi o porto de Gênova. Depois, ela e a mãe resolveram viajar antes de chegar a Roma. Na Toscana, conheceram Lucca. Em Viareggio, uma praia da Toscana, assistiu à ópera "Aida", de Verdi, sob regência de Pietro Mascagni, concerto ao ar livre. A primeira noite em Roma foi marcada por um passeio de charrete com sua mãe, diante de lugares históricos. No dia seguinte, foi ao Conservatório onde conheceu o professor Arrigo Serato e seus colegas. Serato era professor de aperfeiçoamento em violino desde 1926 e era músico influente na Itália, amigo de Ferruccio Busoni, de Respighi – que lhe dedicara um concerto – e do violinista Fritz Kreisler,

a maior influência na carreira de Bianca. Bianca conheceu o seu ídolo em uma das aulas de Serato, fato que, ao longo da vida, fazia questão de lembrar.

Em Roma, ela organizou um trio brasileiro com o cônsul Mário Trolhe da Costa, ao violoncelo, e Roberto Tavares, ao piano. Em um dos concertos oferecidos na Embaixada, teve como público o então cardeal Eugênio Pacelli, que em 1939 se tornaria o papa Pio XII.

"A vida era vertiginosa, o estudo tomava quase o tempo todo, sempre estudando muito, trabalhando bastante", disse Bianca que, nas folgas que apare-



Ottorino Respighi.

ciam, ia assistir a concertos. Assistiu a concertos de uma constelação de artistas. Dos violinistas Yehudi Menuhin, Fritz Kreisler, Vasa Prihoda, Jan Kubelik, Adolf Buch, Mischa Elman e Otakar Sevcik; dos pianistas Vladimir Horowitz, Walter Gieseking, Wilhelm Backhaus e Claudio Arrau; do violoncelista Pablo Casals; do violonista Andrés Segovia e com os maestros Bernardino Molinari, Pietro Mascagni e de Wilhelm Furtwängler, entre outros. As obras que a haviam impactado, principalmente dos concertos dos violinistas, ela buscava ter acesso comprando partituras. Dentre os colegas de Santa Cecília estavam Arrigo Pelliccia e Franco Ferrari. Pelliccia tornara-se violinista e violista que, além de participar de diversos grupos de câmara, ganharia renome com diversas gravações realizadas com o violinista Arthur Grumiaux. Ferrari seria professor e maestro destacado, diretor de orquestra da nata do cinema italiano: Fellini, Visconti, Antonioni, De Sica e Monicelli, entre outros.

Na Itália, se encontrou com Theodoro de Bona em Nápoles e em Roma, onde ele estudou também como bolsista do governo do Paraná. Em 1930, com o golpe militar no Brasil que iniciou a Era Vargas e a saída de Affonso Camargo do governo do Paraná, substituído pelo interventor general Mário Tourinho, a bolsa de estudos foi suspensa sem aviso prévio. Bianca e Gina recorreram a amigos. A mãe conseguiu trabalho em Bolonha no restauro de igrejas. Em 1932, encerrado o período de estudos de Bianca, retornam ao Brasil para o mesmo Palacete Wolf. Em 6 de junho de 1932 fez o aguardado concerto de retorno no Theatro Guayra com o pianista Antonio Melillo a acompanhá-la. Nos dias seguintes ao concerto, os jornais Correio do Paraná, Diário da Tarde, O Dia e Gazeta do Povo foram unâimes em suas críticas, elogiando a artista. A coluna "A arte e seus artistas" publicada em 12 de junho, ainda reverberava o evento. Em negrito, colocou em destaque, como subtítulo: "O concerto de Bianca Bianchi no Guayra constituiu uma verdadeira glória para o Paraná". Bianca tinha voltado à sua cidade.



Bianca Bianchi e Theodoro de Bona em Nápoles, Roma.

O Trio Paranaense

Ao regressar da Itália, Bianca Bianchi realizou um concerto no Theatro Guayra como solista e, aproveitando o sucesso, realizou um outro recital no mesmo mês de junho em Ponta Grossa. Depois desses, ao contrário do que se esperava, foram poucos os que realizou como solista. Algo nela tinha mudado na estada na Itália. O fato de ter presenciado concertos dos principais violinistas do mundo, por certo, aumentaram as exigências em torno de si, mas havia a vontade de produzir música com mais pessoas. Bianca voltou disposta a fazer música de câmara de verdade, o que requer trabalho contínuo, com muitos ensaios, dedicação e cumplicidade entre os músicos. Foi assim que, no mesmo ano de 1932, nasceu o Trio Paranaense, com a violoncelista Charlotte Frank e a pianista e compositora Renée Devraine - que em 1932 se tornaria Renée Frank, após se casar com o flautista Jorge João Frank, irmão de Charlotte. O grupo e, a criação da Sociedade Trio Paranaense representou um marco na música clássica produzida no Paraná.

Antes da criação do Trio, Bianca tornou-se professora do Instituto Messing do Paraná, de Raul Messing, onde permaneceria lecionando por dez anos. Era um emprego fixo, que lhe deu tranquilidade para investir suas energias no Trio formado apenas por mulheres. "Eu queria fazer um quarteto, mas nós não tínhamos uma violista - eu queria um grupo feminino". Bianca tinha experiência com música de câmara. Em 1922 e 1923 participou de um quarteto com Guilherme Dreyer ao violino, Ludovico Seyer à viola e Waclaw Radecki ao violoncelo. Na Itália, participou de um trio. Mas, organizar um conjunto era um sonho que, intuía ela, seria mais viável se compartilhado com mulheres que, além de excelentes musicistas, fossem empreendedoras. Era o caso de Bianca, Charlotte e Renée.

Ottilia Maria Carlotta Frank, a Charlotte, na família e entre amigos chamada de Mimi, nasceu em 1903. Era filha do maestro e compositor austríaco Aloys Carl Frank (Carlos Frank), que chegou a Curitiba em 1888 e atuou como organista da Catedral Metropolitana de Curitiba e regente de corais. Charlotte foi contemporânea de Bianca no Conservatório de Música do Paraná, onde estudou com Caetano Barletta, e tocou nos anos 20 na Orquestra Sinfônica de Curitiba, sob a regência do maestro Romualdo Suriani, além de atuar em trio



Temporada de Verão

Artistas Paranaenses

Salão do Centro Cultural Inter-Americano

22 de fevereiro de 1946

às 21 horas

28.º Concerto

Em homenagem

a

J. de Andrade

Muzicy



Renée, Charlotte e Bianca não escondem o cansaço, após a estreia da Série do Trio Paranaense na Sociedade Thalia. Foto de 15 de dezembro de 1932, tirada na casa de Carlos Frank, pai de Charlotte

com Ludovico Seyer. Além da música, amava flores a ponto de ter sido proprietária de uma floricultura no centro de Curitiba.

Renée nasceu em 1902 em Paris e mudou-se para Curitiba com a família em 1911. Charles Devraine, seu pai, era engenheiro da "South Brazilian Railways", empresa então responsável pela energia elétrica e a operação dos bondes na cidade. Era neta da pianista Emili Devraine, professora do Conservatório de Paris, amiga do pianista Alfred Cortot. Em 1918, sua família retornou à França, quando Renée pôde estudar piano na Escola Normal de Música de Paris com Alfred Cortot e Lazare Levy. Formou-se em 1924, mesmo ano em que seus pais decidiram retornar à Curitiba. Antes do Trio, fez diversos recitais e atuou como professora, pianista, compositora e arranjadora.

A estreia do Trio Paranaense ocorreu em 18 de novembro de 1932 em evento promovido pelo Consulado da Itália no Grand Hotel Moderno. Já a estreia da Sociedade Trio Paranaense e da célebre série de concertos, ocorreu em 15 de dezembro de 1932, uma quinta-feira, na Sociedade Thalia. Dentre as novidades ao público curitibano de então, além do fato do Trio ser formado somente por mulheres, na primeira apresentação de gala homenageou a jornalista e feminista curitibana Raquel Prado. Foi a única vez que Raquel – pseudônimo adotado por Virgília Stella da Silva Cruz – retornou à Curitiba; ela que vivia desde 1909 no Rio de Janeiro. A Sociedade Trio Paranaense seria diferente de outras que existiram em Curitiba, como a Teatral Renascença, de Salvador de Ferrante, porque não programava eventos com diversos artistas. Ela gerenciaava somente as atividades do Trio para conseguir apoiadores para os concertos do grupo. Os programas impressos dos concertos eram veículos para empresas divulgarem suas marcas. O programa do primeiro concerto tinha oito páginas e nele anúncios da fábrica de pianos Essenfelder – apoiador de toda a Série



O primeiro programa de concerto do Trio Paranaense, de 15 de dezembro de 1932.

- de loja de roupas, de perfumes e de sapatos. O segundo programa, de 22 de fevereiro de 1933, possuía o dobro de páginas e entre os anunciantes contava, inclusive, com a Loteria do Estado do Paraná.

Graças a criação da Sociedade, elas se apresentaram a cada dois meses até 1936. "O trabalho foi árduo, estudávamos muito para conseguir o que nos propusemos", disse Bianca. E como as músicas escolhidas por elas não eram fáceis, havia a exigência de muitos ensaios. A primeira apresentação teve cerca de 50 minutos de música e foi dividida em três partes, com dois intervalos. A primeira música daquele programa foi o "Piano Trio op 1, nº 3 em dó menor", de Ludwig van Beethoven. "Nome mágico!", escreveram no programa do concerto. Assim, a música de câmara em Curitiba, naquela noite, ganhava um novo padrão.





Trio Paranaense em Campinas, foto de 1951.

Os Concertos do Trio

Ao fundarem a Sociedade Trio Paranaense em 1932, Bianca Bianchi, Charlotte Frank e Renée Devraine, naquela época ainda solteira, assumiram o compromisso de realizar uma série de concertos inéditos; a cada dois meses, um programa musical diferente. Era uma tarefa desafiante, o que as levava a estudar e ensaiar muito. Não bastasse a força em demonstrar que três mulheres podiam realizar concertos artisticamente relevantes e com resultados de público e de mídia significativos, o Trio Paranaense foi pioneiro na música de câmara de Curitiba e os concertos realizados de 1932 a 1936 na Sociedade Thalia, seguramente, colocaram a música clássica do Paraná em outro patamar.

Foram ao todo 21 concertos, apenas um deles no Clube Curitibano, sendo o primeiro em 15 de dezembro de 1932 e o último em 2 de maio de 1936. Para se tornar sócio, que dava direito a ingresso para as apresentações, o valor da mensalidade era de 5 mil réis. Os concertos tinham em média um hora de duração, iniciavam às 21 horas e eram estruturados em três partes. A primeira, era tradicional e a música escolhida geralmente era de Beethoven ou Haydn, trios desses compositores. Na segunda parte, havia uma seleção de movimentos e obras curtas de compositores do século XVIII



Charlotte, Renée e Bianca.



O Trio Paranaense no final dos anos 60.

ao XX. Nessa parte, o trio evidenciava algumas de suas influências, com a inclusão de músicas de Fritz Kreisler, por escolha de Bianca Bianchi, e Debussy, por escolha de Renée Devraine. Para a terceira parte, o encerramento de cada concerto, o Trio Paranaense demonstrava o seu compromisso enquanto trio de piano e tocava na íntegra uma composição original para essa formação. Provavelmente era a música a qual as musicistas se dedicavam mais nos ensaios. Nesses concertos, elas levaram ao público curitibano trios de autores consagrados como Beethoven, Brahms, Cesar Frank, Haydn, Leclair, Mendelssohn e Schumann; e de compositores não tão conhecidos como Carl Goldmark, Giuseppe Martucci, Gustav Lazarus e Giacomo Orefice. Outro compositor da preferência do Trio Paranaense e da plateia era Sergei Rachmaninoff, ainda vivo na época. No sexto concerto, de outubro de 1933, apresentaram o "Trio Elegíaco nº 2, op 9" e, à pedidos, foi repetido no mês seguinte. Provavelmente tenha sido a estreia da obra em Curitiba.

De todos os concertos da Sociedade, dois foram considerados especiais pelo Trio. Exatamente os que comemoraram os aniversários de dois e três anos da série. Esses foram os únicos que tiveram músicos convidados. Em 14 de dezembro de 1934, na comemoração ao segundo aniversário, após um pronunciamento do crítico Pamphilo d'Assumpção, elas tocaram a "Sonata op 18", de Beethoven, com o jovem Ludovico Seyer Jr à viola. No terceiro aniversário, o Trio prestou homenagem ao compositor Henrique Oswald, falecido em 1931, e teve a presença na plateia de Henriqueta Oswald Alfieri, filha do compositor. Ludovico Sayer tocou viola no "Andante" do "Quarteto op 26", com o qual iniciaram a apresentação, encerrada com o "Trio em si menor, op 45". Oswald seria o único compositor brasileiro a ter música na série e Bianca guardava uma foto dele, autografada, entre as muitas fotos de artistas que possuía. Cabe a reflexão das razões do Trio Paranaense não ter tocado um trio de Villa-Lobos, por exemplo, mais de uma década após a Semana de Arte Moderna de 22.

A série realizada no Thalia representa o ápice do Trio Paranaense e, paralelamente a ela, o Trio teve apresentações em Ponta Grossa, Rio Negro, Joinville e Florianópolis. Depois, viriam apresentações esporádicas para entidades importantes como a Sociedade de Cultura Artística Brasílio Itiberê, a SCABI, a Associação Riograndense de Música em Porto Alegre e a Escola Nacional de Música, no Rio de Janeiro. Fizeram diversas apresentações para a SCABI, entre as quais a de inauguração da entidade em 27 de janeiro de 1945. Naquela noite, tocaram duas obras de compositores paranaenses: "Serenata", de Bento Mossurunga e "Céu azul" da pianista do Trio, Renée Devraine, música dedicada por ela ao Trio e que seria tocada em concertos de 1947 e 1955. Outra obra de paranaense tocada pelo Trio foi "Rococó-pavana", de Alceo Bocchino, em concerto para a SCABI em 1946.

O Trio Paranaense encerrou suas atividades em 1968. Na época, Bianca Bianchi, a mais nova do Trio, estava com 61 anos. A pianista e compositora Renée Devraine Frank faleceu em 1979 e a violoncelista Charlotte Frank em 1984. Do trio restou algumas fotos e os programas de concerto, não há gravações. O nome Trio Paranaense foi tão marcante na cultura do Estado que retornou em 2019, porém deixando de ser um trio feminino. O novo grupo traz três dos melhores instrumentistas do Paraná: Winston Ramalho, violino; Adriane Savytsky, violoncelo, e Luiz Guilherme Pozzi, piano.



Palacete Wolf, residência da Família Bianchi até 1956.

Outras Associações | 1937-1956

O triste acontecimento que foi a demolição do antigo Theatro Guayra, em 1937, por decisão do então prefeito Aluizio França- que ficou no cargo por apenas 45 dias- marcou a vida de Bianca Bianchi. Inaugurado em 1884 como Theatro São Theodoro e localizado na Rua Dr. Muricy, o Guayra era para ela um lugar mágico, de muitas recordações. Em 1937, ela estava entre os artistas que se reuniram com o prefeito sucessor, Moreira Garcez, para solicitar a reconstrução do teatro. O prefeito convidou os artistas a irem ao local. "O que vimos? As ruínas do que fora a plateia e o palco do Guairá. Não havia mais nada, a não ser as paredes laterais perigosamente em pé". Este episódio nunca foi esquecido por Bianca e revela uma nova faceta dela após o fim da Sociedade Trio Paranaense. Ela não daria só atenção ao violino ou a música que produzia, mas também ao fortalecimento da cultura do Paraná.

Com o fim da Sociedade Trio Paranaense em 1936, relacionado às dificuldades de, a cada dois meses, ser preparado um novo concerto com qualidade, o grupo passou a se reunir de forma pontual. Bianca permaneceu como professora no Instituto Messing, onde teve como aluno o "grande e talentoso Gedeão Martins", como gostava de se referir ao violinista e que se tornou maestro importante em Curitiba. Em paralelo ao seu trabalho, ela apoiaria o surgimento de novas sociedades musicais na cidade. Assim foi a criação da Pró-Arte Curitiba em 1938, filial da Pró-Arte Brasil criada em 1924, no Rio de Janeiro, pelo comendador Theodor Heuberger. Bianca e suas colegas do Trio pertenciam à comissão artística da Pró-Arte, que trouxe à Curitiba artistas importantes como Wilhelm Backhaus, Claudio Arrau, Georg Sandor, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Magdalena Tagliaferro, Mirella Vita e Hans-Joachim Koellreut-

ter. Há registros da atuação da Sociedade em Curitiba até dezembro de 1941. Bianca guardava destes concertos fotos dos artistas autografadas, sinal de que os conheceu de alguma forma.

Em 1944, um grupo de intelectuais criou a Sociedade Cultural Artística Brasílio Itiberê, a SCABI. O primeiro presidente foi Fernando Correa de Azevedo, personalidade fundamental no desenvolvimento das artes no Paraná e que tinha a admiração de Bianca, por "conseguir o que não era fácil em Curitiba". Bianca não participou da primeira diretoria da SCABI, mas do concerto inaugural da entidade em 27 de janeiro de 1945 com o Trio Paranaense. E voltaria com o Trio a se apresentar para a SCABI nas temporadas de 1946, 1947, 1949 e 1954. Ao contrário da Pró-Arte e da Sociedade Pró-Música, que surgiria em 1963, a SCABI não se limitou a trazer artistas importantes de outros centros, mas abrir espaço para os artistas locais. Os principais artistas de música clássica de Curitiba das décadas de 40 a 70 realizaram apresentações para a SCABI. A entidade encerrou suas atividades em 1976 e totalizou em sua história 487 concertos. Destes, destaca-se o 34º concerto, de 17 de junho de 1946, denominado Festival Bach-Mozart-Pergolesi, que marcou a inauguração do grande piano de concertos Essenfelder, adquirido pela Sociedade, e a estreia da Orquestra de Cordas da SCABI. A regência da Orquestra nesta ocasião foi do pianista e compositor alemão Henry Jolles, que encontrara no Brasil o país para viver. Heinz-Frederic Jolles era judeu nascido na Alemanha e fugiu de lá rumo à Paris em 1934 com a ascenção do nazismo. Em 1942, veio definitivamente morar no Brasil. Bianca Bianchi foi solista no concerto da SCABI e fez amizade com Jolles, de quem guardou uma foto autografada e ganhou partituras, dentre as quais a "Sonata para violino e piano". A Orquestra Sinfônica da SCABI - foi a sua denominação mais usual - durou cinco anos sob direção do flautista Jorge João Frank. Bianca foi violinista da Orquestra e tocou sob regência de Ludovico Seyer, Bento Mossurunga, Dinorá de Carvalho e Jorge Kaszás. Um marco da Orquestra foi realizar a estreia da "Quinta Sinfonia" de Beethoven em Curitiba.

O impacto da SCABI na sociedade paranaense gerou condições para que a Escola de Música e Belas Artes fosse criada em 1948, o que representou um passo decisivo na formação de artistas na cidade. A EMBAP nasceu e sempre foi uma instituição pública, ligada ao Estado do Paraná, e coube a Fernando Correa de Azevedo a honra de ser seu diretor. Bianca participou, com suas colegas do Trio, do movimento de personalidades e artistas que fundaram a EMBAP. "Todos os professores fundadores levaram seus alunos particulares para a Escola, com prejuízo financeiro, mas com o grande ideal de formar uma escola nos moldes de qualquer conservatório do mundo, podendo diplomar alunos, o que não se fazia nas escolas particulares", explicou Bianca.

Com a criação da EMBAP, Bianca deixou de lecionar no Instituto Messing, após dez anos. Na Escola, tornou-se em 1948 professora de violino e de música de câmara. Como essa disciplina era obrigatória a todos os alunos de Música, pode-se dizer que todos os músicos formados pela instituição foram seus alunos, isso até 1977, quando Bianca se aposentou.

No âmbito pessoal, Bianca adquiriu em 1944 o terreno na Rua Almirante Barroso, esquina com a Presidente Carlos Cavalcanti, onde construiria em 1953 o prédio de dois andares que seria sua casa e sede da Fundação Bianca Bianchi no futuro. Ela só se mudaria do Palacete Wolf, após 42 anos naquele casarão, em 1956, ano em que teve duas perdas muito importantes. Em 1956 faleceram Gina, sua mãe e principal incentivadora, e o maestro e violinista Ludovico Seyer, seu primeiro professor. Um ciclo se fechou em sua vida, definitivamente.



Um dos violinos do acervo de Bainca Bianchi.

Docência e Método Suzuki

Bianca Bianchi atuava como professora na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em março de 1957, quando recebeu um presente incomum de Guilherme Wolf Schaia, seu ex-aluno de violino do Instituto Messing. Ele ofereceu à mestre a partitura de *"Intermezzo"* para violino e piano com a seguinte frase: *"Dedicado à Bianca Bianchi pela passagem do Jubileu de 25 anos de professorado na arte de Paganini"*. O presente em forma de música, provavelmente entregue em uma comemoração pública pela efeméride, expôs a admiração mútua que sempre houve entre eles. Em sua casa, Bianca guardava com carinho uma fotografia de Schaia jovem, ao violino, tirada nos anos 40. Representava a grande capacidade de Bianca em ser professora, de transmitir aos alunos sua maior paixão: a arte de dominar o violino. Não à toa, ela foi considerada a *"mãe dos violonistas"* do Paraná.

Bianca Bianchi foi professora desde a adolescência quando criou sua escola em casa, em uma das salas do Palacete Wolf, em frente ao atelier de Gina, sua mãe. Nos anos 20, foi assistente de Ludovico Seyer no Conservatório de Música do Paraná. Mas a sua vida como professora inicia-se, de fato, em 1932, tão logo retorna da Itália e aceita o convite do Instituto Messing. Permaneceu lá por 10 anos, até a criação da Escola de Música e Belas Artes em 1948, onde lecionou até 1977 ao ser aposentada de forma compulsória por completar 70 anos. Sobre a atuação de Bianca como professora, Marisa Ferraro Sampaio, pianista, escritora e que foi também professora da EMBAP, em 8 maio de 1987 fez essa declaração à coluna *"Tablóide"*, do jornalista Aramis Millarch: *"Em todos os setores da música, o trabalho de Bianca Bianchi foi importantíssimo. Ela construiu, tendo por base, firme estrutura. Deu bom exemplo de perseveran-*

ça e dedicação. Orientou, com energia e abnegação, mais de mil estudantes de violino". A matéria decorreu da denominação de uma das salas da então sede da EMBAP, na Rua Emílio Perneta, com o nome de Bianca, escolha da Associação dos Docentes daquela instituição.

Não há um número certo de quantos alunos Bianca Bianchi teve em suas aulas de violino e de música de câmara. Muitos não eram violinistas e muitos não se tornaram músicos. Foram seus alunos de violino: Dalila Bergonse Schon e Maria Olímpia Lisboa, nos anos 20; Gedeão Martins, Wolf Schaia, Arthur Erlach e Fernando Thá no Instituto Messing, nos anos 30 e 40. Na EMBAP, a lista é grande e a própria Bianca destacava Hildegard Soboll Martins, Edna Ritzmann Savytzky, Eleni Bettes, Walter Hoerner, Koiti Watanabe, Ilsa Camargo Bigarella, Josil Caron dos Anjos e Jacques Rigler.

Após sua aposentadoria da EMBAP, Bianca viajou bastante e, em Curitiba, continuou oferecendo aulas em casa. No início dos anos 80, foi incentivada pela ex-aluna Hildegard Soboll Martins a conhecer o Método Suzuki, criado pelo professor Shinichi Suzuki, no Japão do pós-guerra nos anos 40. Soboll Martins foi quem introduziu o método no Paraná e em 1978 criou a Associação da Educação do Talento Musical do Paraná com Edna Ritzmann Savytzky, outra ex-aluna de Bianca. Ensinar através do Método deu a Bianca Bianchi outra dinâmica em sua vida, após os 75 anos de idade. "Foi a coisa mais revolucionária para a formação de violinistas. Posso dizer isto de cadeira, pois aprendi pela maneira tradicional e durante meio século acreditei que era a única forma de musicalização. Suzuki mostrou a força de uma nova e revolucionária técnica", disse ela ao jornalista Aramis Millarch em 17 de outubro de 1988, uma semana após a estreia da Orquestra Júnior, ligada à Universidade Federal do Paraná e dirigida por Soboll Martins. Bianca dava aulas em sua casa, que situava-se no segundo andar do edifício que construiu na Rua Almirante Barroso e que leva seu nome. O compositor e saxofonista Gabriel Schwartz foi aluno de Bianca quando criança e lembra de que, ao chegar ao edifício, tinha de acionar a campainha e, da janela, vinha uma cestinha com a chave. Ao sair, lá estava a mesma cestinha para deixar a chave e ela recolhê-la sem sair de casa.

Ao final da vida, Bianca tinha disposição para falar de si e concedeu algumas entrevistas, dentre as quais a que gerou o documentário "Bianca Bianchi: a violinista", de Berenice Mendes, realizado em 1995 pela Documenta Filmes para a série "Vultos Paranaenses", projeto do Governo do Estado do Paraná e do Museu da Imagem e do Som. O documentário pode ser encontrado facilmente



A mestre ensinando pelo Método Suzuki.



Prédio de 2 andares, construído por Bianca Bianchi na Rua Almirante Barroso, São Francisco. Ao lado, cenas do cotidiano quando ainda morava no Palacete Wolf.

na internet. Outra homenagem veio do Governo da Itália, através do Consulado Curitiba e, particularmente, do então cônsul Guido Borgomanero: a condecoração "Cavaleiro da Estrela da Solidariedade Italiana". Ao final da vida, Bianca esboçou o desejo de que o prédio "Bianca" tornasse uma fundação com seu nome.

Bianca Bianchi faleceu em 4 de setembro de 2002. Após a morte, foi homenageada pela EMBAP com a criação de um concurso com seu nome para música de câmara. Outra homenagem foi a criação da Fundação Bianca Bianchi. Ela foi sepultada no Cemitério São Francisco de Paula, o mais antigo de Curitiba e que localiza-se a poucas quadras de onde vivia. Desde 2017, seu nome está entre as ilustres personalidades femininas de Curitiba, sepultadas naquela necrópole, abordadas nas visitas guiadas organizadas pela pesquisadora Clarissa Grassi Dias, da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. A história de Bianca tornou-se definitivamente ligada ao bairro São Francisco. Além do cemitério, no bairro estão a Praça Garibaldi, lugar do belíssimo Palacete Wolf no qual viveu, e o prédio "Bianca" onde morou após 1956. Pelas calçadas que margeiam as ruas de paralelipípedo e as casas antigas, ela caminhou seguramente pensando em música, no som do violino.



Bianca Bianchi em foto de Patrícia Jerônimo.



A Fundação Bianca Bianchi

A Fundação Bianca Bianchi nasceu em 27 de junho de 2007, cinco anos após o falecimento da violinista, atendendo a um pedido que a própria Bianca fez em testamento. Ela imaginava uma entidade que contribuísse para o desenvolvimento cultural da cidade, oferecendo atividades a um público independente das possibilidades financeiras. No estatuto da Fundação estão previstas a promoção de cursos, concursos, concertos e festivais, além da promoção de intercâmbio com entidades nacionais e internacionais. A Fundação nasceu em local privilegiado: o edifício de três apartamentos na Rua Almirante Barroso, 141, no Bairro São Francisco, próximo à região central de Curitiba e que era de sua propriedade. A primeira presidente da Fundação foi a pianista e pesquisadora Marisa Ferraro Sampaio.

Como atesta o estatuto, por testamento, Bianca Bianchi doou para a Fundação o imóvel construído em 1953, cujo terreno entre as ruas Almirante Barroso e Presidente Carlos Cavalcanti fora por ela comprado em 1944. O edifício veio a substituir duas casas que lá haviam. A Fundação nasceu também com móveis e objetos da artista, incluindo obras de arte. Foram inventariadas sete obras de Theodoro de Bona - aluno de Gina Bianchi, a mãe de Bianca - sendo que quatro destas traziam retratos da Família Bianchi: do pai Eduardo, de Gina, da irmã Maurina e, em grandes proporções, um retrato de Bianca que ocupava lugar de destaque em sua casa.

Bianca também aparece em dois retratos de J. Daros. No acervo há um desenho em crayon de Poty Lazzarotto, pinturas de Maria Amélia Assunção, Gisela Soboll, Ricardo Koch, Ercilia Marcori Cecci e Bruno Lechowski e, até, um qua-



dro de Bali e uma escultura da Malásia. A maior parte do acervo traz obras de Gina Bianchi, em sua maioria com motivos florais.

Outro aspecto importante são os violinos. Bianca possuía oito, alguns construídos por luthiers importantes: Paolo Grancino (1655-1692), Giovanni Francesco Pressenda (1777-1854), Jacob Steiner (1617-1683) e Stefano Scarampella (1843-1925), alguns adquiridos quando esteve em estudos na Itália. Bianca sonhava com uma Fundação que se tornasse centro de referência em violino em Curitiba, espelhando-se, de certa forma, no que fora o atelier de pintura de sua mãe Gina Bianchi no Palacete Wolf onde, de 1914 a 1956, residiu a família Bianchi. No prédio da Rua Almirante Barroso, o apartamento do segundo andar era sua casa e onde dava aulas.

No acervo da artista, destacam-se também partituras, geralmente de obras que estavam no repertório do Trio Paranaense ou são virtuosísticas para violinistas. Há, por exemplo, muitas partituras de Fritz Kreisler (1875-1962), que Bianca conheceu pessoalmente, nos anos 20, na Academia Santa Cecília, através do professor Arrigo Serato. Há, no acervo de partituras, obras com dedicatórias como a "Sonata para violino e piano" de Henry Jolles (1902-1965),

a "Serenata Rústica" para trio que traz elogios de Bento Mossurunga (1879-1970) e diversas músicas de Carlos Vianna Almeida (1906-1990). Já "Intermezzo", de Wolf Schaia (1922-2002), foi composta em 1957 em homenagem a Bianca Bianchi "pela passagem do Jubileu de 25 anos de professorado na arte de Paganini".

É este material, mais os programas do Trio Paranaense, as fotos da artista em várias épocas e situações da vida, e de artistas que conheceu (muitas autografadas), que compõem a riqueza do acervo de Bianca Bianchi. São memórias de uma violinista em sintonia com seu tempo e professora dedicada. É um rico legado para a cultura do Paraná.



Alvaro Collaço

Formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná e em Educação Artística pela FEMP- Faculdade de Educação Musical do Paraná- hoje FAP, é produtor cultural desde 1994. Realizou mais de 450 eventos, entre shows, concertos com orquestras e de música de câmara. Produziu ainda 4 óperas, 13 cds, 2 livros, um curta-metragem e uma série de vídeo.